



Os Desafios da Grande Reportagem¹

Cíntia Charlene da SILVA²

Gloria Maria de Oliveira BALTAZAR³

Universidade de Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO: O artigo busca, por meio de estudo de caso, apresentar e analisar as dificuldades da produção jornalística em grandes reportagens, por meio desta produção os jornalistas procuram um maior aprofundamento em suas pautas, e, conseqüentemente têm, muitas vezes, seu trabalho reconhecido e premiado. A fim de elucidar esta ação, utilizamos a entrevista com aparato metodológico para compreender a ação jornalística. Entrevistamos a jornalista premiada com a reportagem: Holocausto brasileiro, Daniela Arbex. Analisamos a reportagem, procurando desvendar os bastidores e os percalços enfrentados desde a estruturação da pauta até a divulgação e a repercussão midiática. Como percurso, antes de chegar à análise, o trabalho retoma a diferenciação entre os gêneros textuais do jornalismo: notícia e a reportagem; além de diferenciar as características desses gêneros pela visão de pesquisadores dominantes no campo de ensino em jornalismo no Brasil. Como resultado, destacamos ser a reportagem um processo contínuo de investigação, que necessita de investimento, tempo e paciência.

Palavras-chave: pauta; apuração; bastidores; reportagem; jornalismo

1. Introdução

A produção jornalística é tomada por diferentes gêneros, notícias, reportagens, artigos, crônicas, fatos, entre outras. Neste artigo nossa proposta é discorrer sobre dois desses tipos: a notícia e a reportagem. Assim, para compreender a diferenciação dos diferentes textos jornalísticos trabalharemos com o aparato conceitual de autores referenciados no ensino e pesquisa em jornalismo no Brasil, tais como: Nilson Lage; Muniz Sodré; Maria Helena Ferrari; Felipe Pena entre outros.

A notícia está presente no dia a dia de todo jornalista e em todas as redações, sendo aquilo que responde as perguntas básicas de um assunto, informa, presta um serviço e, na maioria das vezes, tem um caráter de ineditismo. Já a reportagem necessita de um maior empenho de um ou mais jornalistas, por exigir um maior aprofundamento no tema a ser tratado, tempo de pesquisa, entrevista com diversas fontes, pesquisa em

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Nacional, Foz do Iguaçu, realizado de 2 a 5 de setembro de 2014.

² Graduado no Curso de Jornalismo da UFJF, email: cintiacharlene@hotmail.com

³ Graduado no Curso de Jornalismo da UFJF, email: gloria_maria.mb@hotmail.com



arquivos, além de texto “singularizado”, deve ser complementada com imagens, gráficos, entre outros atributos. A notícia e a reportagem se diferenciam de formas sutis, porém muito perceptíveis. O tempo, o imediatismo e o valor notícia já são determinantes para a divulgação do fato. Já a reportagem tem a intenção de contar os bastidores por trás da história, expor uma situação ou interpretar fatos.

A busca aprofundada e o envolvimento do repórter com a notícia e com as discussões humanas tornam esse tipo de jornalismo diferenciado. A reportagem passa então a ser a construção da história dos fatos presentes, mas com maior profundidade das informações trabalhadas antes pelas notícias. Existe espaço para o repórter especial, aquele que se dedica exclusivamente a determinadas pautas e deixa de fazer parte do jornalismo diário. Nesse âmbito, surgem grandes reportagens, mais enraizadas e que na maioria das vezes mudam e provocam a opinião pública.

2. A construção da notícia

Desde os primórdios da humanidade, o homem utiliza a linguagem para se comunicar. Queremos interagir a todo o momento e saber de tudo o que acontece à nossa volta. Essa curiosidade básica que move o ser humano nada mais é do que um instinto, uma necessidade de saber o que acontece além da nossa própria existência. Segundo Lage (2012) atravessamos civilizações ao longo dos tempos, movidos pelo desejo de saber sobre os outros – o que pensam, como vivem, se vestem, se comportam, se comunicam.

De acordo com o historiador Mitchell Stephens (2004), os humanos sempre trocaram uma mistura similar de notícias ao longo da história e por meio das culturas. Segundo os jornalistas Bill Kovanch e Tom Rosenstiel, funciona como um instinto de percepção.

Precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos. O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias. Por isso, nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura. (KOVANCH e ROSENSTIEL, 2004, p.18).

A democracia depende de pessoas bem informadas, em que o jornalismo deva ser visto como um serviço público capaz de provocar entendimento. Portanto, a finalidade dessa atividade é fornecer conhecimentos às pessoas para que elas, informadas, tenham capacidade de se autogovernarem.



Como demonstra Nilson Lage (2012) na Idade Média, a informação divulgada por alguma instituição começa a ter importância, a impressão de textos informativos, sermões de igreja, proclamações e fábulas passam a fazer parte do dia a dia das pessoas. Junto com o avanço da atividade comercial e a ligação entre as principais cidades e continentes chegaram às técnicas e informações. As pessoas começam a ser alfabetizadas e a impressão da informação torna-se uma novidade necessária. Em 1609, surgia então a imprensa periódica. O primeiro jornal a circular foi na cidade de Bremen, na Alemanha, seguido, no mesmo ano, do Estrasburgo.

Naquela época, fazer um jornal era barato, as tiragens eram para um público leitor restrito. A grande massa da população não tinha acesso direto às informações de grande importância. Os jornais eram basicamente feitos de anúncios e política. Assim, por muitas décadas, o jornalismo foi essencialmente publicista, com veículos dos quais se esperavam orientações e interpretação política. No século XIX, a Revolução Industrial impulsiona a proliferação das notícias, com a preponderância da informação sobre a opinião. Assim, o jornalismo passa a ser tratado como uma atividade empresarial baixa-se o custo por exemplar e investe-se mais na coleta de informações. A publicidade começa a bancar a maior parte das despesas gastas com o editorial, e a notícia torna-se a matéria-prima do jornal.

De caráter singular, a notícia assume dois papéis: o de informar e o de ressaltar o direito à informação. Seu objetivo é se basear em informações relevantes e que sejam de interesse do público.

A notícia foi se transformando com o tempo. Visando à objetividade e à condensação da informação, os princípios que, muito mais tarde, deram origem ao conceito de lide surgiram na Grécia Antiga. Para o pesquisador Francisco José Karam, no ensaio “A antiguidade greco-romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística” citado por Luiz Costa Pereira Júnior (2006, p.114), o orador Marco Túlio Cícero seria o precursor do lide, como consta em sua obra “*De Inventione*”, ao prescrever os aspectos essenciais utilizados para desenvolver o texto, e ao mesmo tempo capaz de filtrar as informações. O orador romano acreditava que, para o discurso ser completo, era necessário fazer as perguntas: “o quê” (*quid/factum*); “quem” (*quis/persona*); “como” (*admodum/modus*); “onde” (*ubi/locus*); “quando” (*quando/tempus*) e “por quê” (*cur/causa*). Mais tarde, esse pensamento seria o responsável por consolidar a estrutura do clássico discurso jornalístico. Assim, o lide



retratado no primeiro parágrafo do texto passou a ser um relato sintético das principais informações envolvendo a notícia.

Uma singularidade muito forte do lide é o tratamento estilístico que recebe: os dados são apresentados numa articulação tal que ao leitor resta ir até o fim, sem qualquer convite à pausa. Ele funciona como uma espécie de “rede” que envolve e segura o receptor daquela informação (a ideia tradicional que o lide seja uma “isca” tem uma carga muito negativa, sugere o engodo). (PENA, 2012, p. 43).

Assim, as principais características da notícia são: veracidade, atualidade e capacidade de informar, além de valores notícia como, proximidade, importância e conteúdo, tendo por objetivo atingir o público a quem se destina a informação. Para o jornalista Marcelo Canellas em seu artigo “Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia”, a informação deve possuir também um caráter singular.

O caminho que o jornalismo percorre para chegar à essência de uma notícia, além da dissecação de seus antecedentes e da conexão do fato com suas consequências, tem de passar, todos sabemos, pela precisão, pelo detalhe, pela minúcia. Um fato ganha força jornalística quando se aproxima da especificidade, quando revela características somente suas, quando está imbuído de singularidade. (2014, Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia publicado no site Fesmp- encontrado na Internet).

Outra característica que contribuiu para a formulação da notícia da maneira como ela se propagou no Ocidente foi o surgimento do conceito de pirâmide invertida, uma estrutura narrativa que marcaria a história do jornalismo. Trata-se de um modelo objetivo em que as informações são organizadas de forma decrescente de importância.

Todavia, com a evolução dos meios de comunicação, vivemos uma sociedade que, cada vez mais, necessita de informação. Queremos ter acesso a tudo e saber o que está acontecendo no mundo. Apesar das diferenças do campo jornalístico de acordo com a região do globo, predomina-se, como já dito, o jornalismo que prima pela informação de maneira mais objetiva, conforme os preceitos desenvolvidos pelos americanos, com metas declaradamente mercadológicas a serem cumpridas e não político-partidárias. Ou seja, a notícia é um produto à venda. A atividade tem normas e técnicas a serem seguidas, primando pela chamada objetividade. O ofício ganha um cunho cada vez mais empresarial, com hora de fechamento e velocidade de informação.

No modelo atual, o que se vê, muitas vezes, são notícias divulgadas de forma superficial sem aprofundamento dos fatos. O ofício da verificação dá lugar, segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel, a atividade de afirmação.



Uma disciplina mais consciente da verificação é o melhor antídoto para evitar que o velho jornalismo de verificação seja atropelado pelo novo jornalismo de afirmação, e forneceria aos cidadãos uma base para confiar nos relatos jornalísticos. [...] Os fatos são fáceis de obter, de se reescrever e depois redirecionar. Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas passam mais tempo procurando alguma coisa para acrescentar às suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente novos fatos. (KOVANCH e ROSENSTIEL, 2004, p.119 e 122).

No capítulo seguinte, faremos um breve histórico do que é reportagem, entendendo melhor esse gênero que é nosso objeto de estudo.

3. Reportagem

Enquanto a notícia é a base do jornalismo, a reportagem pode ser considerada o grande momento. É ela que será nosso maior foco de interesse neste artigo. A ideia é ir além da reportagem, mostrando seus bastidores, desde o surgimento da pauta até a repercussão, após a sua divulgação.

Para isso, vamos entender melhor o que é a reportagem. Trata-se de outro gênero textual diferente da notícia, que trabalha com matérias que exigem a abordagem de assuntos mais complexos e que, conseqüentemente, necessitam de maior tempo de apuração, maior tempo para divulgação e até um texto em que é possível ousar mais, havendo a possibilidade de se livrar das amarras da pirâmide invertida. É uma atividade que exige, além de tudo, dedicação, investimento e paciência.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE, 2001, p. 31)

Na notícia, quem se pronuncia são os fatos, as informações e as fontes envolvidas, o repórter se mantém de maneira neutra. Já a reportagem envolve uma denotação diferente, esta não trabalha necessariamente investigando fatos como novos, como acontece na notícia. A reportagem é mais abrangente, esta investiga assuntos e preocupa-se em ser atual e oportuna a fim de despertar o imaginário e reação das pessoas. Segundo Lage (2012), a distância entre reportagem e notícia está na pauta, no projeto do texto que indica de que forma o assunto será abordado.

Para Thais Mendonça Jorge (2012), no Brasil, a origem da reportagem atribui-se a João Paulo Alberto Coelho Barreto ao publicar no jornal *Cidade do Rio*, crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro em 1898 e 1899. Mais conhecido como João do Rio,



ingressou na *Gazeta de Notícias* em 1903, publicou, no ano seguinte, uma série de textos, que denominou como reportagens sobre As religiões do Rio. Para escrever as matérias, o repórter foi até as ruas, conversou com pessoas, frequentou templos, igrejas, cultos e ceitas. Algo inusitado para a época. O repórter chamou a atenção, suas histórias eram ricas de detalhes, personagens, diálogos e fontes. Pessoas como prostitutas, tatuadores, eram personagens ouvidos pouco comuns para a época. Assim o jornalista se tornou uma das pessoas mais influentes do início do século XIX.

Com o passar do tempo a profissão foi se tornando menos glamorosa e as redações passaram a ficar abarrotadas. Com o aumento da mão de obra houve uma desvalorização do profissional que, passou a ter baixos salários e maior tempo de horas trabalhadas. Neste sentido, as dificuldades dentro e fora das redações foram aumentando.

A correria do dia a dia, o número reduzido de repórteres para cobrir várias editorias, o deadline e a luta pelo furo jornalístico são algumas das limitações que os jornalistas enfrentam na atualidade. A falta de tempo para uma apuração bem feita e a facilidade de aproveitar os releases que chegam das assessorias de imprensa, faz com que muitas pautas sejam apenas noticiadas, muitas vezes sem a apuração necessária.

Fazer um jornalismo diário com aprofundamento é um desafio para os profissionais da área. Quem busca embrenhar-se e discutir pautas que resultarão em grandes reportagens, enfrenta o obstáculo de produzir pautas para os jornais diários, com técnicas específicas usadas de forma unânime pela grande imprensa.

Segundo Nilson Lage, a reportagem pode ser dividida em três gêneros: investigativa, interpretativa e novo jornalismo. A reportagem investigativa consiste na apuração de um fato que leva a outros, que serão revelados ao longo da investigação. O gênero interpretativo se dá a partir de um fato que será observado pelo critério metodológico a partir da ciência. E, por último, o novo jornalismo que utiliza a literatura para construir as situações e histórias que serão reveladas ao público.

Para os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a reportagem pode ser dividida em modelos de fatos, de ação e documental. A primeira refere-se ao relato objetivo dos fatos narrados por ordem de importância. Enquanto que a segunda, como o mesmo nome sugere, envolve movimento, a narrativa parte do fato mais relevante seguido pelos detalhes. O modelo documental, um dos gêneros que iremos abordar neste artigo, por meio da matéria da jornalista Daniela Arbex, se baseia nos relatos



levantados, que utiliza de citações para complementar e esclarecer o fato. A base da argumentação se faz em cima dos dados produzidos. Além de ser expositiva, a reportagem documental se aproxima muito da pesquisa, adquirindo um caráter pedagógico que visa se pronunciar sobre o assunto.

3. Análise “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”

Para descortinar esse período e tornar pública essa realidade de extermínio, iremos analisar a série publicada pela jornalista Daniela Arbex. *Holocausto Brasileiro* é uma reportagem especial publicada de 20 a 27 de novembro de 2011, no jornal Tribuna de Minas, na cidade de Juiz de Fora. O conjunto de matérias, em um total de sete, foi intitulado de “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”, “Comércio da morte só parou na década de 80”, “33 crianças viveram horrores na Colônia”, “Tratamento desumano inicia reforma psiquiátrica no país”, Entrevista/Helvécio Ratton, cineasta: “Ali tinha crime de lesa humanidade”, “Lei sobre saúde mental ainda divide opiniões e A história por trás da história”.

Daniela viajou até Barbacena, cidade no Estado de Minas Gerais para descobrir e revelar o que se passou dentro dos muros do Hospital Colônia, que vitimou mais de 60 mil pessoas. Em entrevista a repórter conta que foi durante uma entrevista que casualmente passou a ter conhecimento sobre o fato.

Em 2009, fui fazer uma entrevista com um vereador de Juiz de Fora, que era o psiquiatra José Laerte, hoje secretário de Saúde. E, no meio da conversa, ele tirou da gaveta um livro com imagens feitas no Hospital Colônia, em 1961, pelo fotógrafo da revista “O Cruzeiro”, Luiz Alfredo. Fiquei tão impactada quando vi aquelas imagens que a entrevista acabou ali, naquele momento. Aquelas imagens remetiam a um campo de concentração, e eu fiquei me perguntando como minha geração não sabia nada sobre aquela história. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).

Daniela levou dois anos para convencer seus editores de que aquela era um grande história. Então, quando completou 50 anos das fotos feitas pelo fotógrafo Luiz Alfredo, em 2011, a jornalista pode finalmente contar como tudo se deu.

Foram 30 dias realizando a apuração. Ela ouviu pouco mais de 30 entrevistados, que narraram o que viveram durante esse meio século de internação. Na primeira matéria, intitulada *Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição*, Daniela constatou que, no Hospital Colônia de Barbacena, ninguém morreria de loucura. Mas de maus-tratos, frio, fome, tortura e abandono. Mais de 60 mil pessoas perderam suas vidas confinadas



em um ambiente de terror, em que o significado da palavra dignidade nunca foi conhecido. Para revelar essa história de extermínio.

Criado em 1903, a fim de oferecer uma ajuda aos *Alienados de Minas*, o Hospital Colônia de Barbacena foi construído para abrigar 200 pacientes inicialmente. Mas, em 1961, já possuía pouco mais de mil. A instituição se tornou um dos maiores hospícios do país. Mas foi durante a ditadura militar que os conceitos médicos desapareceram e passaram a ser mandados para lá desafetos, pessoas tímidas, homossexuais, negros, mulheres solteiras, entre outros. Eles eram levados de trem, vagões de cargas abarrotados de pessoas que eram desembarcados no fundo do hospital. Para confirmar a que tipo de tratamento os pacientes eram submetidos, Daniela foi atrás de médicos que trabalhavam na época na instituição hospitalar. Um dos depoimentos é o do psiquiatra Ronaldo Simões Coelho, que disse que muitos recebiam choques elétricos dados indiscriminadamente. De posse de documentos, Daniela conseguiu comprovar um comércio dos corpos das pessoas mortas no hospital. Os cadáveres eram vendidos para várias faculdades de medicina do país. Cerca de 1.853 corpos foram vendidos para 17 faculdades de medicina até o início dos anos 1980, um comércio que ainda incluía a negociação de peças anatômicas.

Pessoas travestidas de pacientes psiquiátricos eram submetidas a questões de desumanidade. Não havia comida e nem remédios, muitos se alimentavam das próprias fezes. Muitos morreram de frio, já que não usavam roupas e tinham a pele cortada pelas baixas temperaturas. No lugar reservado para os leitos, não havia camas, mas o chão de cimento coberto por capim. Como não havia espaço para todos, deitavam uns sobre os outros, e muitos acabavam morrendo.

No lugar de enfermeiros, existiam guardas, e os pacientes eram submetidos a tratamentos de horror com direito ao uso de eletrochoques. Passado meio século de descaso e omissão, o Governo de Minas reconheceu oficialmente a culpa pelas mortes em massa dentro do hospital. A divulgação das matérias abriu caminho para que famílias pudessem entrar na Justiça em busca de reparação judicial. Atualmente 190 pacientes recebem o cuidado do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), é estimado que, em no máximo uma década, os porões da loucura sejam fechados.



Para falar mais sobre os desafios encontrados pela jornalista durante a produção e divulgação da reportagem, usaremos de categorias. São elas: na Redação, Estruturais, Relacionamento com as Fontes, Ética e Memória.

- **Na Redação:** Tudo passa a ser discutido entre a repórter e suas editoras, que avaliam as condições de viabilização da matéria, assim como de seus recursos. Daniela participa de todos os processos, desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria. A jornalista ainda destaca o papel do repórter que precisa estar presente em todos os processos. “É um trabalho completo, não é só escrever, virar e ir embora e amanhã ver o que saiu no jornal. Isso a gente tem que fazer até o fim. E isso eu sempre fiz desde o início”. (ARBEX, em entrevista para este artigo).

Em 30 dias de apuração, em virtude de um grande processo de investigação, Daniela conseguiu reunir um vasto material entre depoimentos, documentos e fotos da época. O grande desafio diante desse vasto material era saber o que e como colocar. O material divulgado no jornal foi apenas um resumo da história, visto que o veículo trabalha com a limitação do espaço. A alternativa criada pela jornalista foi criar o livro, visto que as pessoas tinham interesse em saber mais sobre as histórias reveladas na Colônia.

Portanto, nesta categoria Redação entendemos que Daniela enfrentou dificuldades para emplacar a pauta, para encontrar suas fontes, para documentar e também a barreira da falta de espaço para publicar toda a história.

- **Recursos Estruturais:** Uma barreira muito enfrentada pela jornalista foi a financeira e a do tempo, já que o jornal não podia custear muitas viagens a Barbacena e precisava que a reportagem fosse logo uma coisa palpável. Então, muitas entrevistas, foram feitas por telefone.

Para o livro, a jornalista conta que foi a Barbacena para refazer as entrevistas pessoalmente mais de 50 vezes. Além disso, foi a três estados brasileiros a fim de ouvir das autoridades uma resposta sobre o genocídio. A falta de recursos ou a escassez deles são dificuldades recorrentes dos meios de comunicação na produção de grandes reportagens.

- **Memória:** Durante todo o processo de apuração das matérias, para comprovar o holocausto em Barbacena, Daniela reuniu todos os documentos necessários para comprovar cada fato. À medida que realiza as entrevistas, Daniela se preocupa em comprovar as histórias reveladas por meio de provas. Além disso, destaca a importância do jornalista em saber onde procurar esses tipos de documentos.



O jornalista que quer fazer uma matéria de qualidade precisa percorrer esses caminhos, e ele não pode ter preguiça de checar documentos, arquivos, processos, isso é fundamental em qualquer matéria que a gente venha a fazer. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).

- **Relacionamento com as fontes:** Em relato a este artigo Daniela revela que sua dificuldade maior foi em recuperar estas histórias principalmente em relação aos sobreviventes, já que muitos estão sequelados devido ao meio século de internação. Uma fonte de consulta usada pela jornalista ainda no início da apuração foi o livro *Colônia*, publicado em 2008 pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

Outra fonte oficial que a ajudou foi o cineasta Helvécio Ratton, responsável pelo documentário *Em nome da razão*, de 1979. A ideia de fazer o vídeo veio quando, na época, ele era estudante de psicologia e teve acesso a fotos clandestinas do hospital. Diante de tais circunstâncias, resolveu conferir de perto essa realidade.

As imagens me impactaram muito. Quando eu vi aquelas fotos, fiquei escandalizado e me deu muita vontade de fazer um documentário. Já conhecia o que era instituição psiquiátrica, mas nunca tinha visto uma coisa na escala do hospício de Barbacena. A primeira imagem que vem em sua cabeça é de um campo de concentração. Quando vi aquilo, eu quis fazer um filme sobre aquele hospício, impossível naquela época. (Trecho extraído da matéria “Entrevista/Helvécio Ratton, cineasta: ‘Ali tinha crime de lesa humanidade’”).

Durante o processo que tinha por objetivo entender o papel das autoridades na época diante de tal atrocidade, Daniela afirma que ficou surpresa com a reação dos envolvidos, muitos negavam, diziam que não fizeram nenhum tipo de maldade aos pacientes e que não sabiam como ajudar a mudar aquela realidade. No final, a conversa assumia um tom de confessionário e todos assumiam parte da culpa.

Em relação às testemunhas vítimas do holocausto, Daniela revela que a maior dificuldade encontrada foi extrair suas histórias. Muitas, devido ao meio século de internação, em virtudes das sequelas, não conseguem se comunicar.

O próprio fato de lembrar dessas histórias tão dolorosas é difícil. Não era chegar e dizer me conta sua história, como foi isso. Não era isso. Eu precisava me apresentar, fazer com que essas pessoas confiassem em mim, que elas tivessem liberdade e se sentissem a vontade comigo do que foram, do que sofreram. Foi um processo de muita paciência e eu tive muita vontade de fazer. E eles também, quando se sentiram seguros com muita vontade de contar. Mas também com muitas limitações da fala, da memória. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).



Daniela revela que foi um choque encontrar com os sobreviventes que foram fotografados na época. Para ela, funcionava como uma volta ao passado. Até a década de 1980, as crianças recebiam o mesmo tratamento destinado aos adultos. Trinta e três crianças foram levadas para o Colônia, depois que o hospital psiquiátrico da cidade de Oliveira foi extinto nos anos de 1970. Deste grupo, apenas, cinco sobreviveram.

Para Daniela, a história das mães que tiveram seus filhos arrancados do braço mexeu ainda mais com ela, porque, na época, ela tinha acabado de se tornar mãe. A jornalista ainda revela que se envolve com as histórias contadas e que não acredita em imparcialidade no jornalismo.

É a vida das pessoas. E, a todo momento, eu me emocionei. Foi difícil, porque eu estava em um momento da minha vida privada muito sensível, eu tinha acabado de ter meu filho. Mas, ao mesmo tempo, ter o meu filho neste momento foi muito importante porque eu entendi a dor dessas mulheres que tiveram seus filhos roubados ao nascer. Uma das entrevistas foi com a Débora. Eu não consegui terminar a primeira vez, eu só chorava. Imagina o repórter chorar no meio de uma entrevista. Isso não é adequado. Mas o que é adequado? Eu sou ser humano também, e isso me tocou profundamente, foi bom pra mim. Eu me envolvi com aquelas pessoas, me envolvi tanto que até hoje nós mantemos contato. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).

Em uma de suas visitas ao Hospital Colônia, já após a publicação da série na *Tribuna* e para fazer o livro reportagem, a jornalista revela que, ao entrar no pavilhão intitulado Antônio Carlos, destinado às mulheres, sabia que, no passado, aquele espaço era usado para encarcerá-las. As portas marcadas pelas cenas de horror da época ainda são as mesmas.

E eu pedi ao fotógrafo que me acompanhou para sair da sala e me fechar lá, porque eu queria tentar entender o que aquelas mulheres sentiram. É um exercício mesmo, de imaginar como era aquilo. De olhar para aquelas paredes e pensar: ‘Meu Deus, o que aquelas pessoas passaram aqui, o que elas sentiram, o que é ficar presa aqui.’ Eu saí de lá esgotada. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).

- **Ética:** Daniela trabalha muito com reportagens investigativas e, diante das várias matérias que já produziu em seus 18 anos de carreira, já esbarrou em muitas questões relacionadas à ética. Para ela, a informação só deve ser divulgada a partir do momento em que o assunto seja de interesse público, tenha valor histórico ou que seja importante para a sociedade.

Em relação à matéria aqui analisada, a jornalista afirma que não houve barreiras éticas, mas limites emocionais. Mesmo tendo cuidado com a forma de contar



determinadas situações, a profissional afirma que não teve pudores ao escrever e, por se tratarem de histórias tão duras, preferiu não se censurar. Mas houve um cuidado primordial com o que foi divulgado em respeito às fontes. A preocupação de Daniela era tentar contar as histórias, o mais próximo possível das realidades vividas pelos personagens.

Na hora de colocar no papel, eu coloquei tudo. É difícil, como é que você conta um estupro, como é que você conta a história de uma mulher que foi violentada pelo patrão quando tinha 14 anos. Quando li essa história pelo telefone para o filho dessa mulher, porque eu queria que, na verdade, as pessoas que eu contasse as histórias, que elas se sentissem representadas verdadeiramente no livro. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).

Diante de todas as histórias reveladas ao longo das sete matérias publicadas pela jornalista a pretensão nunca foi punir os culpados, mas tornar essa história pública de forma com que houvesse possibilidade de conhecer e refletir sobre o fato. Assim, fica uma lição:

Eu acho que o maior aprendizado do “Holocausto Brasileiro” foi ter visto até que ponto nós somos capazes de chegar. Como a gente pode ter sido tão cruel, como a sociedade pode ser tão omissa, como a indiferença produz a barbárie, o extermínio. Eu acho que essa é a lição. Eu sempre fui muito incomodada com as questões sociais, com as injustiças. Eu sempre briguei, lutei. Eu fiz da minha carreira, na verdade, uma luta em defesa dos direitos humanos sempre. Isso é uma marca do meu trabalho. Mas esse livro me deu mais força, para continuar lutando, para continuar brigando, para continuar sendo a voz, de quem não tem voz. Porque a indiferença provoca o extermínio, e nós fomos indiferentes por mais um século. E nós não podemos deixar que isso aconteça nunca mais no Brasil, sob nenhuma hipótese. (ARBEX, em entrevista para este artigo em Julho de 2013).

Diante da repercussão da série, Daniela conseguiu que a história sobre o *Holocausto* não mais ficasse restrita aos muros do hospital Colônia, mas que passasse a ser do conhecimento de todos. O objetivo este ainda mais difundido com a publicação do livro “*Holocausto Brasileiro*”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida fazer uma grande reportagem não é fácil. Trata-se de um intenso processo contínuo de investigação, que necessita de investimento, tempo e paciência. A reportagem, independentemente do veículo, sempre terá seu espaço garantido no jornalismo. Ela tem por objetivo provocar a opinião pública, causar reflexão e mudar a sociedade. Sua meta é abordar assuntos complexos que tenham maior abrangência e que provoquem uma reação na população. Mas, para isso, é preciso que o jornalista brigue por este espaço e não deixe que questões financeiras ou estruturais, por exemplo, o impeçam de produzir e sugerir grandes matérias.

A repórter entrevistada é um exemplo de que é possível buscar o novo dentro das redações e se desprender da pauta. No começo não existia a facilidade de hoje, apresentar uma pauta e ser aceita de imediato, foi um privilégio conquistado ao longo de demonstrações de comprometimento pelo que estava fazendo. Acreditamos que o jornalismo é uma profissão direcionada a quem tem paixão. Não é qualquer um que passa por desafios, às vezes, inimagináveis, tendo simplesmente a intenção de mostrar para o maior número de pessoas possíveis possam tomar conhecimento e resgatar a memória de pessoas que passaram por horrores durante a vida em um verdadeiro holocausto.

Esse trabalho foi, na verdade, uma aula de bom jornalismo, em um tempo que se fala do fim da profissão com casos recentes de desvalorização do profissional, de redações cada vez mais em menor número, encontramos pessoas que sempre acreditaram e acreditam até hoje na força do jornalismo.

Este artigo não tem a pretensão de chegar a uma conclusão derradeira acerca do assunto, mas sim pretende estimular uma reflexão sobre a importância do exercício da atividade jornalística profissional comprometida com a ética e a responsabilidade social, seja do ponto de vista dos processos e rotinas de produção, os desafios vividos durante meses de aprofundamento de uma pauta, a relação com a sociedade, o respeito as fontes e o comprometimento ético. Dessa forma, colaborando para a consolidação do exercício da cidadania. O objetivo da reportagem é dar voz a quem não tem voz, aproximar os mundos, revelar realidades tão distintas, e diante de tal circunstância provocar mudanças.



REFERÊNCIAS

JORGE, Thaís de Medonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOVANCH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** - O que os jornalistas devem saber o público exigir. 2. Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2012.

_____. **Reportagem** : teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Notícia- Um produto à venda**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1988.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – Notas sobre a Narrativa Jornalística. 7 Ed. São Paulo: Summus, 1986.

Sites acessados

CANELLAS, Marcelo. Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia. 10 jun 2014. Disponível em

<<http://www.fesmp.com.br/upload/arquivos/3628636.pdf>> Acesso em 13 jun 2014